

## RESENHA

LOZINSKY, Saádio. *Memórias da Imigração*. Rio de Janeiro: Garamond, 1997 (Edições Hai). 239 p. Tradução de Milton Scaler.

*Ethel V. Kosminsky\**

Para os estudiosos da imigração judaica para o Brasil e para os interessados na história das instituições comunitárias judaicas do Rio de Janeiro, a autobiografia de Saádio Lozinsky, *Memórias da Imigração*, constitui uma importante fonte de informações. Escrito em Iídiche e traduzido para o Português por Milton Scaler, neto do autor e responsável pelo prefácio, o livro foi redigido entre 1937 e 1953, sendo que a maior parte de suas páginas foi escrita no período compreendido entre 1937 e 1938.

As memórias de Saádio Lozinsky são escritas de uma forma simples, direta e acessível, até mesmo agradável, apesar de muitas vezes o assunto tratado ser bastante penoso. Esse dom da linguagem faz com que o seu trabalho seja indicado também para aqueles que, curiosos acerca da vida dos judeus no Império Russo, no século passado, procuram uma leitura interessante e ao mesmo tempo prazerosa. Para os pesquisadores, essa parte do livro é bastante rica em informações sobre o estilo de vida e os costumes dos judeus da Europa Oriental. Como é do conhecimento do pesquisador da área de migrações, o imigrante ao se deslocar traz consigo uma série de valores e padrões de comportamento do seu país de origem e, no processo de adaptação ao Novo Mundo, essa “carga” cultural exerce um papel fundamental na sua adaptação à nova sociedade. Daí a importância dos relatos autobiográficos, como o livro de Lozinsky, nos estudos de migração.

Saádio Lozinsky nasceu em Moscou, no ano de 1873. Somente o fato de ter nascido nessa cidade já chama a atenção sobre o autor e o seu trabalho, pois, naquela época, a permissão de residência em Moscou era concedida a apenas um número restrito de judeus<sup>1</sup>. A obra, entretanto, não compreende unicamente a cidade de Moscou. Lozinsky inicia o seu relato referindo-se à cidade do seu pai, Shklov, na Lituânia, na década de 30 do século passado. Shklov foi, segundo o autor, o “segundo maior centro de erudição judaica depois de Vilna, na extraordinária, con-

---

\* Professora de Sociologia da UNESP-Campus de Marília; Diretora 1ª Secretária do CERU-USP.

1 Os judeus eram obrigados a viver, sob o Império Russo, na “área restrita de residência”, que compreendia as seguintes regiões: Lituânia-Bielorússia, Ucrânia e Nova Rússia. Em 1835, a “área” passou a abranger também as províncias da Polónia Central.

vencional, formal e inflexível atmosfera religiosa *mitnagdit*<sup>2</sup> no tocante às leis, preceitos e costumes judaicos” (p.13). Filho de um artesão que trabalhava com a prata, Lozinsky aponta o “menoscabo” com que todo aquele que trabalhasse com as mãos era visto, numa comunidade que prezava acima de tudo “o estudo”, de acordo com os tradicionais preceitos judaicos.

A mãe de Lozinsky provinha de Orsha, “um centro *chassídico*”<sup>3</sup> e a sua família era igualmente *chassídica* (p.17). As divergências entre os *mitnagdim* e os *chassidim* aparecem claramente no texto, quando por insistência de sua mãe, o seu pai vai pedir um conselho ao *rebe*<sup>4</sup> de Orsha e este considera “louvável o fato de um homem viver do labor de suas mãos” (p.17).

A mudança da família para Moscou, as dificuldades enfrentadas, para poderem residir na metrópole do Império Tzarista, são contadas em detalhe. A narração compreende a pequena oficina de objetos de prata montada pelo pai, a vida cotidiana, o contato com os operários e moradores não-judeus, as aulas de preparação para o *Bar-Mitzvá*<sup>5</sup>. As referências do autor às suas três irmãs mais velhas e ao casamento destas, levam-no a formular uma série de considerações a respeito das regras seguidas pelas famílias para a realização do matrimônio dos seus filhos, bem como, a respeito da posição subalterna ocupada pela filha, “moça casadoura” (p.43-45).

Além da vida em Moscou, o livro contém informações a respeito dos judeus que residiam e trabalhavam em fazendas arrendadas, “pois não havia propriedade judaica fora das cidades na Rússia” (p.50). Segundo o autor, cerca de quarenta mil famílias encontravam-se nessa situação, vivendo das plantações de trigo e de milho, da criação de gado e de aves e, principalmente, da manutenção de hospedarias e da venda de bebidas alcoólicas, até que um decreto as obriga a deixarem suas fazendas e a migrarem para a cidade (p.48).

A obra de Saádio Lozinsky mostra bem a dispersão dos judeus pelo continente europeu e pelo continente americano, alternativa encontrada para a sobrevivência diante das dificuldades econômicas e do antisemitismo cada vez mais exacerbado. A sua família também vivenciou essa experiência e assim, uma irmã foi morar em Orsha, a segunda em Odessa e a terceira em Amsterdam. E ainda um sobrinho de sua esposa, Ana, no Rio de Janeiro.

Para a realização de reuniões, seja de caráter religioso (p.40) ou “comunitário” (p.53), os judeus necessitavam de entendimentos com a polícia. O crescente antisemitismo culminou com o decreto de expulsão dos judeus de Moscou. A famí-

---

2 *Mitnagdit*, movimento racionalista, opositor do *chassidismo*.

3 *Chassídico*, relativo à *chassidismo*; movimento religioso de grande alcance entre os judeus da Europa Oriental, fundado no século XVIII, e que pregava a piedade e a alegria na execução dos atos mais simples.

4 *Rebe*, versão em Iídiche da palavra rabino.

5 *Bar-Mitzvá*, a comemoração dos 13 anos do rapaz judeu, significando a maioridade e como tal, a sua incorporação à coletividade judaica.

lia mudou-se então para Tula, a cidade mais próxima, para onde transferiu a fábrica. Conta o autor, auxiliar do pai na administração da fábrica desde os 13 anos de idade, que essa mudança implicou numa série de viagens de negócio para Moscou bastante “perigosas”, pois, os judeus eram proibidos de “pisar no solo” desta cidade (p.74).

A religiosidade transparece em toda a obra de Saádio Lozinsky. Ortodoxo, ele relata o expediente usado pela família e pelos correligionários, fabricantes de Tula, a respeito do cumprimento do *shabat*<sup>6</sup> e dos feriados judeus. A fábrica da família contava com dezesseis operários e com oito a dez aprendizes. Como o trabalho não poderia ser interrompido, o que tornaria a fábrica improdutiva, a conselho dos rabinos, eles fizeram um documento alienando a fábrica para um não-judeu, um operário de confiança. Dessa forma, eles podiam ir “sem receio” à sinagoga (p.72-73). Esse é o resultado da vida na diáspora, comenta o autor, que impede que o judaísmo seja vivido em toda a sua plenitude. Em outras palavras, trata-se da forma encontrada pelos judeus para sobreviverem enquanto tal em um regime tirânico.

O autor se refere aos sofrimentos infligidos aos judeus no exército da Rússia Tzarista, onde eram obrigados a prestar o serviço militar por cinco anos (p.78-79). As perseguições antisemitas chegaram a tal ponto que provocaram o suicídio do seu cunhado (p.145), médico militar, que havia feito parte da “primeira e única turma de estudantes judeus aos quais foi permitido o ingresso na Academia Militar de Medicina” (p.100).

As viagens pelo Império Russo mostram bem a vida dos judeus de então. A descrição da vida em Orsha, “uma cidade judaica”, onde vivia a sua irmã mais velha, é uma bela e emocionante ilustração dos costumes judaicos (p.80). Ao contar a história do seu noivado e casamento, em Odessa, onde morava uma outra irmã, Lozinsky fornece informações interessantes acerca dos judeus dessa cidade. O seu sogro, proprietário de uma grande fábrica de prata, na cidade, empregava na sua quase totalidade, operários judeus, o que permitia tanto ao patrão quanto aos operários guardarem o *shabat* e a festas religiosas (p.87).

Ao visitar a sua terceira irmã, que residia em Amsterdam, o autor conhece um outro mundo, onde há “tranquilidade, nada do terror dos judeus russos aos *pogroms*<sup>7</sup> e à costumeira opressão que infernizavam a sua vida” (p.116). Em Amsterdam, Lozinsky entrou em contato com o comércio de diamantes, onde trabalhava o seu cunhado.

A situação de opressão vivida pelos judeus na Rússia, culminou com os *pogroms* de 1902, 1903 e 1904 (p.134-136). Saádio Lozinsky conta em detalhes o massacre de Odessa, do qual a sua irmã foi testemunha. Em Tula, o autor e a sua família tiveram a sua casa atacada algumas vezes, mas sem a intensidade dos *pogroms*

---

6 *Shabat*, dia de repouso.

7 Movimento popular de violência contra os judeus.

acontecidos em outras regiões. Provavelmente, segundo o escritor, porque nas cidades da província de Tula “a população judaica era pouco densa” (p.141).

As dificuldades de mercado enfrentadas pela fábrica e mais a iminente possibilidade de um massacre a qualquer momento, levaram o autor a tomar a decisão de deixar a Rússia e se fixar em Amsterdam. Assim, ele chegou nessa cidade em 1909. A esposa e os filhos foram ao seu encontro em 1910. Em Amsterdam, Saádio Lozinsky foi trabalhar no comércio de diamantes, mas, como essa ocupação não lhe oferecia a possibilidade de manter a família, ele decidiu migrar novamente. Dessa vez para o Rio de Janeiro, estimulado pela visita do sobrinho da esposa, que vivia no Rio de Janeiro.

Tanto o primeiro deslocamento da família, quanto o segundo seguiu o processo denominado migração em cadeia: o chefe da família ou o filho mais velho, ou ainda, ambos imigram e, após acumularem um pequeno pecúlio, conseguem mandar as passagens para os demais membros. Os Lozinskys seguiram a regra geral da imigração judaica da Europa Oriental para as Américas. Saádio Lozinsky chegou no Rio de Janeiro em 1914 (p.188), quase dois meses antes da eclosão da guerra. Em 1916, ele voltou para a Holanda e, em 1918, retornou ao Brasil, trazendo a sua filha mais velha. A esposa e os outros quatro filhos só desembarcaram no Rio de Janeiro no ano de 1920.

As referências de Saádio Lozinsky sobre a comunidade judaica da Cidade do Rio de Janeiro contribuem para ampliar o conhecimento sobre a procedência dos imigrantes e o seu número. Segundo o autor, em 1914, a “nossa pequena comunidade” contava com “cerca de cinquenta famílias e algumas centenas de solteiros” (p.195). Após a I Guerra Mundial, “começou, então, o fluxo de numerosos imigrantes da infeliz Europa, com famílias e sem famílias”. Eram “refugiados da Rússia czarista e dos *pogroms*, outros fugidos do regime bolchevista” (p.209). Em 1939, estimava-se já a presença de “vinte mil judeus” (p.195).

Em 1918 e nos anos seguintes, “a quase totalidade dos membros da comunidade judaica do Rio de Janeiro era originária exclusivamente da Bessarábia, Podólia, Ucrânia” (p. 218). No Rio de Janeiro, fundaram sinagogas, instituições comunitárias e assistenciais e também escolas. Na década de 20, o fluxo maior de imigrantes procedia da Polónia. Eram fugitivos dos *pogroms*. Assim, surgiu uma comunidade de judeus poloneses, que criou sinagogas e instituições próprias e deu início à fundação de uma escola. Pelo seu maior número, eles se tornaram mais visíveis do que os judeus da Bessarábia (p.222-223). A partir de 1933, teve início a imigração de judeus-alemães, refugiados do nazismo, os quais criaram a sua sinagoga e as suas próprias instituições (p.223).

Em um país como o Brasil, cujos dados estatísticos referentes à imigração não são confiáveis, as informações de Saádio Lozinsky ajudam a preencher essa lacuna, traçando um importante quadro da procedência dos imigrantes judeus.

Em termos comparativos, a imigração dos judeus da Europa Oriental para o Brasil foi em número bastante reduzido se confrontado com os dados referentes aos

Estados Unidos. Neste país, se fixaram mais de dois milhões de judeus, enquanto que, no Brasil apenas alguns milhares. Essa grande diferença se reflete no pequeno número de livros e artigos escritos a respeito dos judeus no Brasil. Embora o número de pesquisas sobre o tema tenha crescido nos últimos anos, ainda resta muito a fazer. No tocante à existência de autobiografias e biografias de imigrantes, esse número é ainda mais reduzido. Ao contrário dos Estados Unidos, onde é possível encontrar autobiografias de imigrantes não-publicadas, nos arquivos judaicos das principais cidades e, uma importante literatura de cunho autobiográfico, nas livrarias e bibliotecas.

É através de autobiografias como a de Saádio Lozinsky que é possível recuperar uma série de informações que de outro modo não seria possível. Assim, as referências a conflitos familiares, decorrentes da imigração em cadeia e do processo de adaptação, que surgem com bastante intensidade na literatura norte-americana, pareciam inexistentes no Brasil. As memórias de Saádio Lozinsky, porém, chamam a atenção para a sua existência também nesse último país: após os quatro anos de duração da I Guerra Mundial, “mais de uma tragédia ocorreu quando esposa e filhos vieram se juntar ao seu marido e pai e foram recebidos com frieza e em alguns casos escorraçados” (p.192).

Finalmente, convém assinalar que o livro de Saádio Lozinsky se constitui também numa fonte para o estudo das primeiras associações comunitárias judaicas, seculares e religiosas, da Cidade do Rio de Janeiro. A presença e a intensa participação do autor se confundem com a própria história dessas instituições.